



BREVES ANOTAÇÕES SOBRE GÊNERO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA

Andressa Aparecida Medeiros de Almeida¹
Angelica Silvana Pereira²

Resumo

Neste artigo será apresentado o recorte de uma investigação que analisou representações de gênero em situações-problema do livro didático de alfabetização matemática mais utilizado pelas escolas municipais de Florianópolis no triênio 2013-2015. O estudo faz parte de um projeto de pesquisa maior que problematiza gênero e sexualidade nos livros didáticos dos anos iniciais da rede pública supracitada. A partir da análise de enunciados, textos e de imagens, constatou-se que, apesar de algumas rupturas, ainda são fortes as demarcações de gênero sexistas e estigmatizadas que reificam a ideia da superioridade masculina e da inferioridade feminina quanto à capacidade nas disciplinas de ciências exatas e em outras atividades e espaços sociais.

Palavras-chave: Gênero. Representação. Livro didático.

Por que olhar gênero nos livros didáticos?

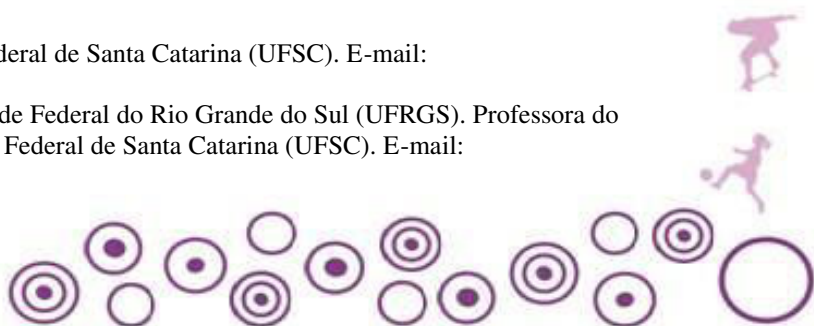
Os livros didáticos configuram-se num dos recursos pedagógicos mais utilizados por professoras e professores das redes de ensino, e em muitos casos são os poucos (se não os únicos) livros que estudantes podem ter em casa para leituras, consultas e realização de tarefas. Além disso, eles são lugar de representação dos objetos dos quais fala, num processo que envolve saberes e disputas discursivas.


Em 1985 foi criado o Programa Nacional do Livro Didáticos (PNLD), uma política voltada às escolas públicas que conta com o financiamento do Estado, com o objetivo de tornar estes materiais acessíveis à todos/as, distribuindo-os “aos alunos e professores das escolas de educação básica pública, incluindo estudantes de educação de jovens e adultos”. (BRASIL, 2017).

Antes de serem distribuídos, os livros didáticos passam por um processo de análise que é realizado por profissionais de instituições de ensino superior vinculados ao Programa,

¹ Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: andressamedeirosalmeida@gmail.com.

² Mestra e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Centro de Ciências de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: angelica.cedufsc@gmail.com.





cuja qualificação deve ser compatível com a área do conhecimento do livro em análise. Desse modo, somente os livros que são aprovados entram no processo de escolha das escolas.

De acordo com Pereira (2016), importa pensar as relações de poder implicadas nestas escolhas, afinal, os livros didáticos apresentam uma seleção de conteúdos, valores e referências identitárias que não são neutras (PEREIRA, 2016). Nesta direção, podemos pensar nas relações de gênero como referenciais de identidade veiculadas nestes livros, por meio de imagens, textos, enunciados, atividades, cores, iconografia etc.

Pertinente destacar que entendemos gênero e sexualidade como construções que são tecidas social e culturalmente e que estão sempre implicadas em jogos de força. Assim, com o propósito de distanciarmo-nos das análises polarizadas sobre homens e mulheres, enfatizamos a necessidade de se pensar no caráter relacional do gênero como propõem Scott (1995), Louro (1997) e outros/as estudiosos/as do tema.

Para Scott (1995, p. 86), gênero é “um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” e trata-se de uma forma primária de dar significado às relações de poder. Portanto, nos ancoramos em estudos e análises que procuram entender o caráter inacabado e infundável do gênero e da sexualidade, por meio de inúmeras práticas que ocorrem em todos os espaços sociais.

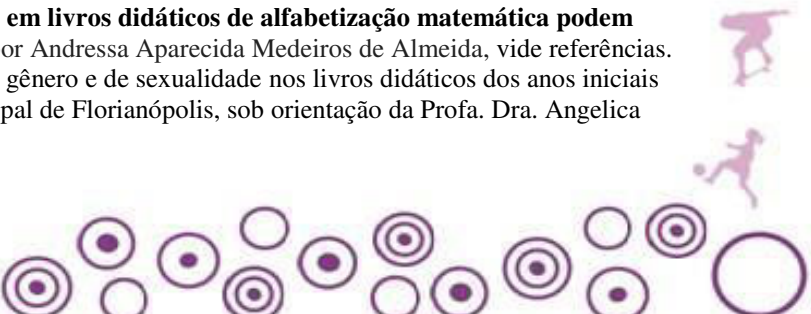
Este texto é parte de um Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em 2017 no Centro de Ciências da Educação da UFSC³, que teve como objetivo analisar as representações de gênero presentes em situações-problema dos livros de alfabetização matemática destinados para o 1º, 2º e 3º ano do ensino fundamental, adotados por escolas municipais de Florianópolis.

O percurso metodológico partiu da seleção de livros didáticos realizada numa pesquisa PIBIC⁴ em andamento (PEREIRA, 2016, p. 07). Iniciamos fazendo um levantamento no site Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) dos livros didáticos mais solicitados e recebidos pelas instituições de ensino da rede Municipal de Florianópolis. A partir desse levantamento constatamos que no total de 32 escolas da rede, a coleção Ápis, da editora Ática⁵, foi solicitada por 17 delas para ser usada durante o ciclo de alfabetização dos anos iniciais. (PEREIRA; ALMEIDA 2017, p. 07).

³ Trabalho intitulado “**O que situações-problema em livros didáticos de alfabetização matemática podem ensinar sobre relações de gênero?**”, devolvido por Andressa Aparecida Medeiros de Almeida, vide referências.

⁴ A pesquisa em andamento analisa pedagogias de gênero e de sexualidade nos livros didáticos dos anos iniciais mais solicitados por professoras/es da rede municipal de Florianópolis, sob orientação da Profa. Dra. Angelica Silvana Pereira.

⁵ Os livros constam nas referências do texto.





Gênero, Conhecimento e Complexidade dos Exercícios

No processo de análise dos livros didáticos do 1º ao 3º ano, foi possível perceber que o gênero masculino é numericamente mais representado que o gênero feminino. Identificamos também a inexistência de qualquer representação que possa escapar do binarismo de gênero e das referências heteronormativas.

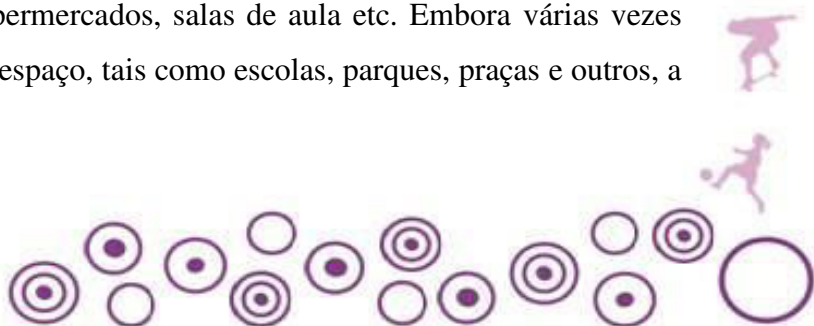
Há uma nítida demarcação dos ‘papeis’ ocupados socialmente por homens e mulheres, recorrendo aos estereótipos de masculinidade associados à força, à virilidade, às posições de poder e de prestígio. As representações de feminilidade frequentemente foram relacionadas às atividades de cuidado (de pessoas, de plantas, de animais), às atividades domésticas, à vaidade e estética corporal.


Na nossa interpretação da materialidade analisada, identificamos que o livro do 1º ano apresentou os meninos como foco principal em aproximadamente 50 situações-problema, enquanto as meninas foram em 43; no livro do 2º ano, meninos foram representados 90 vezes e as meninas 65 vezes; e no livro 3º ano os meninos foram mostrados 98 vezes e as meninas 69. Nas demais situações ambos estavam presentes de forma mais equitativa.

Chamou nossa atenção o fato de muitas dessas representações estarem implicadas com dois aspectos importantes da configuração da própria matemática e da área das ciências exatas. São eles: 1) O protagonismo assumido por homens/meninos nos enunciados, nos textos das atividades e nas imagens; 2) Marcas de gênero no nível de complexidade dos exercícios.

Sobre o protagonismo masculino, vale ressaltar que em muitas situações-problema, as meninas aparecem em segundo plano nas imagens e suas presenças, na maioria das vezes, são de coadjuvantes ou são uma tentativa de representação de gênero ‘politicamente correta’, já que esta tem sido uma movimentação recorrente no mercado editorial de livros didáticos. Já, os meninos estão em situações fundamentais para os diferentes contextos apresentados nas situações-problema.

Notamos que raramente os homens/meninos foram representados em atividades iguais ou similares às atribuídas às mulheres/meninas, sendo recorrentemente evidenciados em posições de competição, de desafios, de uso de força física e de agilidade. Geralmente estão em espaços amplos, em espaços públicos e de lazer. Já, as mulheres aparecem com frequência nos espaços internos de casas, lojas, supermercados, salas de aula etc. Embora várias vezes meninas e meninos estejam nos mesmos espaço, tais como escolas, parques, praças e outros, a





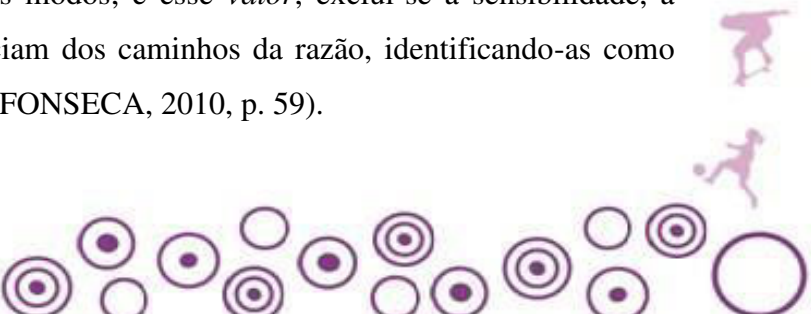
representação dos corpos e as atividades realizadas pelas crianças nestes espaços atuam na marcação das diferenças de gênero, sendo parte expressiva delas com características sexistas.


Notamos ainda que em muitas das imagens de meninas e meninos utilizadas nas situações-problema, a presença das meninas não é relevante para as atividades e são mais um adorno que uma necessidade para a realização das mesmas. Já, na maioria das situações-problema em que os meninos são representados, nota-se que eles não estão ali por acaso, sendo conferida grande importância às suas presenças que são associadas a informações, sem as quais inviabilizaria a realização dos exercícios. Algumas dessas ilustrações mostram os meninos como protagonistas, geralmente em momentos de diversão e de competição, reiterando a ideia de que estas características são “tipicamente” masculinas.

Em relação às marcas de gênero e a complexidade dos exercícios, percebemos que apesar de meninas e meninos serem representados em situações-problema envolvendo um mesmo conteúdo, os meninos aparecem naquelas situações que exigem um raciocínio lógico mais complexo. Por exemplo: Em duas situações de subtração simples, notou-se que naquela que envolve a menina, o cálculo a ser realizado está com seus valores nitidamente demarcados, assim como as respostas nas opções a serem escolhidas. Já, a situação que envolve o menino, requer que a criança faça uma leitura de imagem e compreenda as informações que a ilustração disponibiliza. Após, é necessário que ela sistematize e ordene suas hipóteses, crie uma história e em seguida faça a subtração. Nesse exercício o próprio autor do livro deixa claro nas instruções para o/a professor/a que tem duas formas de ser realizado esse cálculo, o que incentiva as crianças a criarem suas estratégias de cálculo para resolver a atividade.

Segundo Souza e Fonseca (2010), estas diferenças quanto a forma e a relevância da presença masculina e feminina nos livros didáticos de matemática, ocorre, em parte, por conta do estigma dessa área de ensino, em que muitas vezes as mulheres são vistas como seres irracionais, ilógicos e com seu foco na emoção, já os homens são retratados como seres que possuem a capacidade de raciocínio lógico, não são afetados pelo emocional, por conta disso são ‘naturalmente’ bons em matemática e capazes de viver no mundo dos negócios.

Esses estigmas estão relacionados ao modo de ser mulher e de ser homem. Esses discursos produzem “um tipo de masculinidade, na qual o *valor do homem racional* precisa ser constantemente reafirmado de muitos modos; e esse *valor*, exclui-se a sensibilidade, a afetividade, as incertezas, que se distanciam dos caminhos da razão, identificando-as como ‘características das mulheres’” (SOUZA, FONSECA, 2010, p. 59).



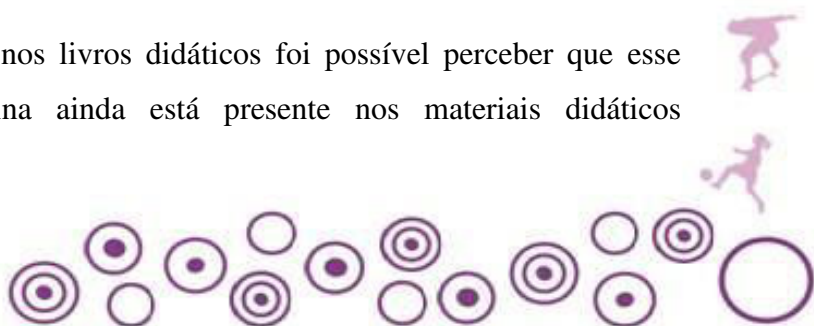


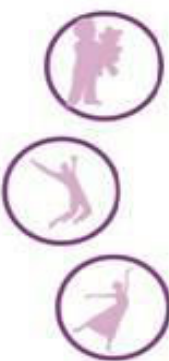
Foi possível perceber também que a presença do masculino ocorre de uma maneira mais significativa nesse material didático, além disso, o livro busca demarcar posições de gênero em que os homens, não raras vezes, são representados como superiores, com uma capacidade ‘natural’ de se destacar em disciplinas que envolvam seu raciocínio lógico, como na área da matemática. Segundo Souza e Fonseca (2010), quando se referem às mulheres são compartilhados enunciados que a retratam como uma pessoa gentil, educada, dócil, bem comportada, “responsável por alimentar, cuidar e criar, responsável pelos afazeres domésticos” (FONSECA, SOUZA, 2010, p. 64). Essa compreensão de que o homem é melhor em matemática, “evoca, assim, a distinção biológica como fonte de desigualdade, legitimadora das situações opressivas” (FONSECA, SOUZA, 2010, p. 74), usando esse fator biológico para “comprovar” que as mulheres não possuem essa capacidade de aprender e se destacar nessa área de ensino.

Nos poucos momentos em que o inverso é apresentado, isto é, a menina sendo melhor nessa área de estudo que o menino, há uma não-aceitação masculina, como é possível perceber na situação onde a menina tem nota 10 em matemática, sua mãe a parabeniza, porém seu irmão acha isso algo ruim. Nesta situação há uma tirinha da conhecida personagem Mafalda, do cartunista argentino Quino. Nela, Quino apresenta uma ruptura com o paradigma de que *eles* têm mais sucesso que *elas* nessa área de estudo e mostra aspectos do machismo, como, por exemplo, a culpabilização da menina pelo conflito que sua nota 10 poderá gerar na família, já que isto afeta diretamente o irmão de Mafalda. Notamos que a tirinha é uma das poucas representações de uma menina bem sucedida na matemática que, embora não tenhamos identificado uma intenção direta de questionar as relações de gênero, entendemos que se trata de uma representação que pode potencializar reflexões sobre o tema no trabalho pedagógico em sala de aula.

Após realizar essa análise, notamos que, de modo geral, há predominância de representações que reificam o “O discurso da superioridade masculina” (FONSECA; SOUZA, 2010, p. 62), capazes de produzir e de dar visibilidade a determinados significados sobre homens e mulheres, tais como o de que a racionalidade é algo ‘próprio’ do masculino, e a irracionalidade como ‘própria’ do feminino. Estes significados se multiplicam em nossa sociedade, associando-se a enunciados de outros campos disciplinares, tais como a própria matemática e outras.

A partir dessa análise realizada nos livros didáticos foi possível perceber que esse pensamento de superioridade masculina ainda está presente nos materiais didáticos





distribuídos nas instituições de ensino. Isso nos instiga a aprofundar, cada vez mais, os estudos que discutem relações de gênero na educação.

Referências

ALMEIDA, Andressa Aparecida Medeiros de. **O que situações-problema em livros didáticos de alfabetização matemática podem ensinar sobre relações de gênero?** 2017.

TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

BRASIL. **Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação**. Ministério da Educação.

Disponível em: <[http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-](http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/legislacao/item/9787-sobre-os-programas-do-livro)

livro/legislacao/item/9787-sobre-os-programas-do-livro 12/10>. Acesso em: 11 set. 2017.

DANTE, Luiz Roberto. **Alfabetização Matemática 1º ano**. São Paulo: Ática, 2012. (Ápis).

DANTE, Luiz Roberto. **Alfabetização Matemática 2º ano**. São Paulo: Ática, 2014a. (Ápis).

DANTE, Luiz Roberto. **Alfabetização Matemática 3º ano**. São Paulo: Ática, 2014b. (Ápis).

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

PEREIRA, Angélica S. **Pedagogias de gênero e de sexualidade nos livros didáticos:**

Questões para pensar a escolarização. Universidade Federal de Santa Catarina, 2016. Projeto de Pesquisa EED/CED/UFSC.


PEREIRA, Angélica S.; ALMEIDA, Andressa Aparecida Medeiros de. **Pedagogias de Gênero e Sexualidade nos livros didáticos:** Questões para pensa a escolarização.

Universidade Federal de Santa Catarina, 2016. Relatório de Pesquisa EED/CED/UFSC.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação & Realidade. Gênero e Educação**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes de; FONSECA, Maria Conceição Ferreira Reis.

Relações de Gênero, Educação Matemática e Discurso: Enunciados sobre mulheres, homens e matemática. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpo generosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

